

Na noite do ventre e o romance de Scliar

LUÍS AUGUSTO FISCHER

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Professor Adjunto do Departamento de Letras da UFRGS e escritor

UMA NARRAÇÃO INDIVISA, 162 PÁGINAS QUE O LEITOR ACOMPANHA DE UM fôlego só, para relatar uma saga ligeiramente perversa, de um migrante judeu que chega ao Brasil nos últimos anos da década de 1910, após ter sido obrigado a engolir, literalmente, um diamante, pedra preciosa que por um acaso anatômico se recusa a sair do corpo do pobre sujeito. Esta é a súpula panorâmica de *Na noite do ventre, o diamante* (SCLIAR, 2005), novela de Moacyr Scliar que completa a coleção “Cinco dedos de prosa”, da Editora Objetiva, com volumes temáticos, cada qual motivado por um dos dedos da mão. (Literatura de encomenda em mercado profissionalizado, como tantas vezes se sonhou, num país de tantos analfabetos e alfabetizados não-leitores.)

A Scliar tocou o anular, o famoso dedo da aliança, e o escritor tomou o mote para urdir toda uma fantasia centrada num anel, ou melhor, na pedra diamantina que sai de uma mina no Brasil, no século XVII, e vai brilhar num anel europeu durante séculos. Por caminhos que a novela vai reportar em ritmo acelerado — o ponto mais remoto é o ano de 1662, o mais próximo se localiza na era getuliana, no Brasil —, a pedra sairá bruta da natureza, ganhará lapidação e engaste na Holanda, será roubada e depois herdada pelo casual hospedeiro do ladrão, já na Rússia, hospedeiro em cuja família ela permanecerá até decorar o dedo de uma mãe judia clássica, justamente a mãe do desafortunado Guedali, de nome alterado, na imigração, para Gregório, em cujo ventre repousará, mais uma vez em solo brasileiro, o mesmíssimo diamante.

Do ponto de vista temático, é uma revisitação. Scliar, como é notório, frequenta o mundo dos judeus imigrantes desde os começos de sua longa e bem sucedida carreira, nos já remotos anos 1960, até hoje. Para dar nomes e datas a esses limites: em 1972 sai publicada sua primeira narrativa longa, *A guerra no Bom Fim* (SCLIAR, 1972, 1981), ambientada no antigo bairro judeu de Porto Alegre; em 1997 é publicado o ótimo romance *A majestade do Xingu* (SCLIAR, 1997), que se passa no mundo paulistano, onde um protagonista também imigrante desenvolverá sua medíocre vida, contrastada em suas lembranças com a marcante trajetória de seu conterrâneo e êmulo Noel Nutels.

O romance *A majestade do Xingu* foi bastante lido, na época de seu lançamento, como sendo uma biografia romanceada de Noel Nutels, médico já mitológico da vida brasileira, um dos mais destacados homens de inteligência que se dedicaram aos índios brasileiros. Certo, há ali toda uma reconstrução da vida de Noel; mas o romance não é sobre Noel Nutels, mas sobre o narrador, que é personagem e toma a palavra para relatar sua vida.

Ele é um sujeito numa cama de hospital, com seus 60 e tantos anos; um solitário, abandonado pela esposa (que migrou para Israel depois de haver constatado o fracasso do casamento e depois de haver educado o único filho dos dois) e pelo filho, emigrado para a França, fugindo da ditadura militar brasileira, e lá aclimatado. É um imigrante judeu russo, que chegou ao Brasil após fugir, com a família, dos horrores que

se seguiram à instalação da ditadura soviética.

Internado em hospital, ele fala sem parar para um médico que o atende, desfiando suas memórias. Faz a contabilidade de sua miserável vida: comerciante de uma lojinha medíocre no bairro paulistano do Bom Retiro, ironicamente chamada *A majestade*, passou a vida na sombra, lendo na loja, em vez de trabalhar, e sem ter cumprido com a promessa que fizera ao pai de estudar para ser médico e assim fazer-se na vida. Resultou que apenas herdou a loja de outro judeu, que se afeiçoara por ele.

Walter Benjamin já havia detectado com precisão a força das narrativas feitas por alguém que está cara a cara com a morte. Só nesta hora, disse, a voz narrativa adquire todas as condições para dizer a verdade fulminante e dura, que advém do supremo instante da vida, a véspera da morte. Precisamente aí está o centro do acerto de Scliar neste romance. A vida e a obra de Noel sempre o fascinaram, mas ele não encontrava meios de contar a história com a força necessária, com a contundência necessária. Depois descobriu: pôs em cena um narrador que imigrou com Noel da Rússia, no mesmo navio. Mas, para seu desconsolo, mal chegaram ao Brasil, Noel seguiu seu destino, no Nordeste brasileiro, ao passo que o narrador, por decisão de seu pai, se dirigiu a São Paulo, onde a fortuna aparentemente os aguardava.

O narrador passou toda a sua irrelevante vida acompanhado pela lembrança e pela sombra de seu amigo Noel, a quem jamais reencontrou em vida: Noel famoso, amigo de gente importante, autor de seu destino; o narrador um medíocre, sempre atrás do balcão, lendo à toa, amigo de ninguém, vítima de sua sorte. Noel foi um homem, comprando as brigas que cabia comprar para agir sobre o mundo; o narrador foi um arremedo de homem, vivendo sua existência secundária, subordinada, medrosa.

E aí está a força do romance, precisamente na vida deste pobre ser, atormentado pelas fantasias e responsabilidades que pesam sobre um judeu, sobre um imigrante, sobre um fracassado. Sintomaticamente, quando o romance se ocupa especificamente da vida de Noel, em memória, esfria a história que vamos lendo; mas quando expõe com franqueza suas mazelas, ganhamos a companhia de um igual, de um medíocre como nós, e a temperatura narrativa sobe.

O romancista, novelista, contista, ensaísta e cronista Moacyr Scliar por certo frequenta o mundo judaico em perspectiva histórica com pertinácia, e por vários motivos, a começar pelo mais irrenunciável deles — o motivo biográfico. Filho de imigrantes, criado num bairro porto-alegrense que reunia um expressivo contingente de judeus imigrados do Leste Europeu, ele viu a vida pelas lentes polidas na tradição judaica. Morar numa cidade específica, ao sul do Brasil, era, neste sentido, apenas uma contingência, nunca uma fronteira temática ou humana. E fez do barro aí pisado a matéria de sua vasta obra, que dá o que pensar: Scliar é daquelas criaturas que pôde declarar, de frente para a plateia, ter encontrado sua forma, seus temas e seu público — o que é muito para um escritor em país de poucos leitores. Não quer dizer que ele seja um conformista, satisfeito por algum atingimento qualquer; o que ocorre é que sua literatura caminhou na direção de solidificar e aprofundar, com notável coerência, uma obra literária com perfil. Do alto de seus novíssimos setenta anos, ele pode ter uma admirável serenidade de ânimo.

Quando começou, a coisa não era fácil, nem para escritores em geral, e muito menos para quem se candidatava a tal morando em Porto Alegre. Nos anos 1960 e 1970, ainda que estivesse circulando o mitológico Caderno de Sábado, do antigo *Correio do Povo*, o mundo editorial local era acanha-

do: a Globo decaía, a Movimento mal se organizava, a L&PM recém nascia. O circuito escolar de leitura, de que tanto nos gloriamos aqui no estado, e com justa razão, começou a ser organizado por Lígia Averbuck e ganharia relevância só no final dos 1970. Para completar o quadro, o tempo era ruim, no país todo, para o pensamento e a liberdade necessários à criação artística: a ditadura militar de 64 recrudescera em 68, cortando o oxigênio da vida intelectual inteligente.

Scliar, como os de sua geração, estava engatinhando na vida adulta, batalhando o pão em empregos possíveis para sua Medicina quando um tumultuado mas rico processo social fervia, na virada dos anos 1950 para 1960. Por um momento, coloque o leitor diante de si estas variáveis: a Bossa Nova vem ao mundo em 1958, mesmo ano em que o Brasil conquista o Mundial pela primeira vez; o rock começava a sacudir as cadeiras da moçada pela mesma época, num primeiro indício de que o futuro cultural no Ocidente seria cada vez mais anglo-saxão do que francês; o cinema nacional parecia ter ficado subitamente muito inteligente; toda uma cidade, aliás uma capital nacional, aliás um monumento arquitetônico, Brasília, estava saindo do chão; Cuba parecia ser uma alternativa política e social para os países latino-americanos; JK e depois o maluco Jânio, secundado por Jango, insinuavam que o futuro do país estava chegando.

Essa intensa movimentação modernizadora, que teve continuidade em parte (por exemplo, na indústria da televisão e na economia em geral o país andou muito, comparativamente a casos vizinhos, como a Argentina), foi, no entanto, truncada na vida política e no horizonte mental pelo Golpe; e a geração de Scliar, gente letrada e crente no poder da palavra impressa, ficou um pouco estupefata diante dos mais jovens, que aderiram à canção, à televisão, aos meios modernos de cultura e diver-

são. Como era possível ser escritor, então?

Creio que, de uma altura panorâmica, se podem entrever três movimentos, e em todos Scliar acompanha sua geração – gente que vai do mais velho Rubem Fonseca, passa por Sérgio Sant’anna, João Antônio, Inácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Sérgio Faraco, até os mais novos Caio Fernando Abreu, Tânia Faillace, João Gilberto Noll e outros.

Primeiro: o conto será o formato de estreia e de eleição, para acompanhar a urgência dos tempos e para caber no jornal ou na revista. (O romance pode ganhar por pontos, mas o conto tem que ganhar por nocaute, observou Cortázar.) Toda uma novidade se instala na literatura brasileira aqui: diferentemente da geração anterior, que floresceu nos anos 30 e 40 e que teve no romance seu veículo, para Scliar e sua turma o conto parece ser a forma em que a experiência ganha sentido, por dentro e para além das restrições da liberdade política, da super-urbanização do país, da nova opressão protagonizada pela indústria cultural massiva.

Segundo movimento: para a geração toda, a cidade é a matéria da reflexão. A cidade e não mais o campo, nem a migração dele para ela. A cidade, absoluta como horizonte da vida dos anos 1960 em diante, ocupará o centro das atenções temáticas de todo mundo, seja na forma da denúncia de vez em quando brutalista (Rubem Fonseca, João Antônio), seja na da experimentação formal análoga à modernização industrial (Sérgio Sant’anna), seja na das alegorias em torno da vida solitária, banalizada, extraviada que restou (Scliar, mas também Faraco, Caio).

Terceiro movimento: o romance é recuperado pela geração, mas não mais na pauta do realismo direto, à Erico ou Jorge Amado, nem também na linha da psicologia em busca da epifania na linguagem, à Clarice Lispector; agora o caso parece ser, descontadas as poucas exceções, a retomada da

potência romanesca como leitura das experiências representativas do país, remexendo na história da imigração (Scliar, Raduan Nassar, depois Charles Kiefer, Pozenato, Tezza) ou na história da região (Assis Brasil, Tabajara Ruas, Márcio Souza, Francisco Dantas).

É de notar que nos três campos Scliar exerceu sua literatura, e com grandes acertos em cada um deles. Nos contos, basta a evidência de que textos de Scliar figuram em qualquer antologia que se fez no Brasil nos últimos tempos; no texto dedicado à cidade, estão lá as marcantes narrativas iniciais, como *O exército de um homem só* (SCLIAR, 1973, 1980), mas também as crônicas e ensaios reunidos em volumes de grande interesse, alguns deles dedicados integralmente a sua Porto Alegre natal; e no romance de feição histórica, de recuperação e integração dos casos particulares ao plano geral da vida do país, os pontos altos são visíveis em casos como *O centauro no jardim* (SCLIAR, 1980, 1983) e o mencionado *A majestade do Xingu*.

Esses romances não são os únicos momentos em que Scliar se ocupou desse universo histórico. Antes e depois de *A noite do ventre* há contos, crônicas, ensaios e novelas que, direta ou indiretamente, meditam sobre a condição de sua gente, o “povo do livro”, como diz uma das belas autodefinições judaicas. Nem sempre o resultado de sua escritura é do mais alto nível, o que é compreensível numa obra variada e numerosa; mas em mais de um momento dessa longa e consistente carreira despontam livros que provavelmente ficarão para o leitor futuro como frutos maduros desse empenho. Nesta categoria estão vários contos e ensaios, ao lado de um apreciável punhado de crônicas; entre as narrativas mais extensas, será o caso, imagino, dos romances mencionados e também de alguns outros, como é o caso do romance *Os vendilhões do templo* (SCLIAR, 2006).

Também um relato de largo espectro histórico, *Os vendilhões do templo* tem como ponto de partida a cena bíblica da expulsão desses comerciantes por Jesus, em Jerusalém, ano 33 d.C., cenário e tempo da ação de um personagem judeu que vende pombos para sacrifícios e faz câmbio. Em certo momento, será insultado pelo personagem Jesus, mas, comerciante arquetípico, não se incomoda muito com isso, já que ali estava o futuro vencedor. Nesta primeira parte, há todo um repertório de humor, o seu tanto farsesco, num relato vibrante e sedutor que em parte reconstitui a vida cotidiana de um desses pequenos figurantes do relato bíblico, com filhos (um dos quais adere ao pregador Jesus) e vida real (o vendilhão acompanha, como um homem comum, o trajeto de degradação do pregador revolucionário, já condenado à morte).

A segunda parte salta no tempo e no espaço: vamos cair no ano de 1635, numa pequena missão jesuítica na América do Sul, antes da chegada dos bandeirantes, e mais uma vez a cena vai ter como um dos protagonistas um vendedor (índio que vendia esculturas), diante de um templo. A terceira parte salta mais uma vez, agora para o ano de 1997, no Brasil de nossos dias, quando a sina do vendilhão do templo vai encarnar de modo vicário, numa encenação escolar da cena bíblica que é recordada por um personagem torto, mal sucedido na vida, a ponto de dever até pensão para a ex-mulher.

Nessa última seção do romance, os dramas serão de outra ordem, não mais aqueles relativos ao confronto entre comércio e templo, e sim aqueles entre preservação da memória e a imposição da lógica da mercadoria por tudo, desde o patrimônio edificado (um casarão herdado por um dos personagens corre o risco de virar loja de hambúrgueres, quando parte da gente da cidade pretende ali instalar um centro cultural) até as vidas individuais. O resultado é o enlouquecimento de alguns e a ir-

relevância de todos, numa perspectiva desolada.

O romance *Na noite do ventre* estará entre os livros definitivos do autor e da geração, alcançando a categoria dos romances que permanecerão seduzindo leitores? Questão ruim de pensar, talvez por estar mal formulada, ou simplesmente por ser inútil o esforço de futurologia. O livro vai impor um certo mal-estar ao leitor que dele se aproxima sem cautelas, mal-estar derivado da grande, quem sabe demasiada velocidade com que os séculos, as figuras e os episódios vão passando diante dos olhos, a ponto de o conjunto deixar um sabor de pressa, a percepção de que os caracteres não tiveram tempo de se fixar suficientemente, montados que parecem ser com clichês – o jovem impetuoso que vem para a América buscar a fortuna, o funcionário do Santo Ofício que de tão obsessivo parece um tarado trivial, outro jovem judeu que afronta a família para seguir sua vocação de livre-pensador, uma mãe judia extremada que quer alterar o cotidiano medíocre a que está condenada pela pasmeira de seu marido, por sua vez também clichê do trabalhador manual de ofício (neste caso um alfaiate) conformado com a mediania, um par de irmãos em ódio ativo um contra o outro, etc.

Ao mesmo tempo, como estamos lendo uma história em cujo coração está desde o começo uma promessa de solução de enigma – o destino do diamante, que está no anel da mãe já na primeira cena do livro –, o leitor fica imantado na sequência dos episódios, querendo passar por cima das eventuais fragilidades para saber do desfecho. Cá entre nós, um diamante engolido numa fuga, na esperança de livrar a cara dos pobres e oprimidos migrantes num incerto futuro, e que mais ainda não é devolvido pelos, por assim dizer, caminhos

naturais, ao contrário permanecendo na tripas do engolidor, um diamante assim é claro que mantém o leitor com ávido interesse.

Interesse em que, ao fim e ao cabo, o leitor é totalmente atendido. Não se vai aqui contar o truque, a manha do enredo que é responsável pela reversão das reservas e críticas daquele desconfiado leitor acima mencionado, que tinha visto uma sucessão de clichês no lugar onde teria preferido ver personagens consistentes. Mas dá para adiantar uma parte: no último terço do relato, justamente quando crescem as desconfianças do leitor quanto ao acúmulo de lugares-comuns no desenho dos envolvidos e quanto à impressionante sucessão de coincidências do enredo, o ritmo da história se acelera e encontra um desfecho inteligente.

Scliar mais de uma vez contou histórias fabulosas, afastadas do plano realista em que trilha outra parte de sua obra. No caso presente, há uma mescla dos dois caminhos, menos kafkiana do que, digamos, woody-allenesca, e mais uma vez o escritor ordena o relato pela regra da saga, não heroica nos termos do século 19, nem desconstruída como queria o modernismo de cem anos atrás, mas cética, como a vida de nosso tempo enseja. (Saga, na obra de Scliar, quer dizer novela e não romance, assunto que procurei abordar em um ensaio sobre o já citado *A Majestade do Xingu*) (FISCHER, 2004). Saga em que cabe uma passada vibrante sobre a vida de Baruch Spinoza, o grande humanista judeu do mesmo século do padre Vieira, que também comparece nessa veloz, divertida, ótima novela. Saga que confirma o acerto do escritor Mocy Scliar na narrativa longa, como escritor brasileiro crítico de seu tempo, como humanista ocidental interessado no destino da experiência concreta de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

FISCHER, Luís Augusto. 'A Majestade do Xingu' in Zilberman, Regina; BERND, Zilá (org.). O viajante transcultural: Leituras da obra de Moacyr Scliar. Porto Alegre: Edicpurs, 2004, p. 121-134.

SCLIAR, Moacyr. *A guerra do Bom Fim*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972; Porto Alegre: L&PM, 1981.

_____. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *O centauro no jardim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____. *O exército de um homem só*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1973; Porto Alegre: L&PM, 1980.

_____. *Na noite do ventre*, O Diamante. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. *Os vendilhões do templo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.